

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXI)

CAMINHOS DE INTEGRAÇÃO

Muito mais se poderia dizer sobre os enfrentamentos entre índios e imigrantes Ou, melhor dito, as dificuldades de convivência com os demais grupos étnicos, presentes no território gaúcho desde a chegada dos portugueses e dos africanos, a partir do século XIX com a vida dos imigrantes europeus, a começar com os alemães e italianos.

Tudo indica que há um só caminho pacífico, o da integração. Todos os povos que chegaram depois do descobrimento passaram a fazer parte da história do Brasil. Mas o importante é não esquecer que essa história não começou com a chegada de Pedro Álvares Cabral, muito menos com a vinda dos imigrantes. Ela começou, segundo os antropólogos, há cinco mil anos, com a presença dos povos indígenas. Esse longo capítulo, anterior ao descobrimento, precisa ser levado em consideração através do reconhecimento dos direitos e da herança cultural dos primeiros habitantes. A começar pelo direito de ocuparem áreas para viverem dignamente e de terem acesso à cultura através da escola em todos os graus.

O processo de integração não acontece de repente. Os caminhos são difíceis. Dependendo do grau de diferenças culturais e da boa vontade dos grupos étnicos em jogo, pode levar dezenas de anos ou séculos. Os países europeus, por exemplo, foram constituídos pela integração de vários povos. Por exemplo, a Espanha mantém uma distinção muito clara, em língua e costumes, entre espanhóis, catalães, bascos e galegos. Quando se fala da França se pensa numa unidade, mas há notáveis e históricas diversidades entre bretões, provençais, normandos, entre outros. Mesmo a Itália, unificada em 1870, continua sem ter resolvido conflitos internos, especialmente entre o norte e o sul.

O primeiro e indispensável passo rumo a integração se dá pela superação dos preconceitos. No Rio Grande do Sul o processo de integração, em linhas gerais, ficou facilitado pelo fato de que os grupos étnicos mais numerosos possuem as mesmas raízes culturais europeias cristãs. Assim os preconceitos foram estabelecidos pelos costumes da vida cotidiana e familiar, o que facilitou a integração quase total.

As maiores dificuldades no processo de integração geral da sociedade gaúcha surgiram em relação aos negros e aos indígenas. Quanto aos negros, o maior preconceito, já presente na Europa, como foi lembrado, estava na idéia de que os negros eram uma raça inferior, razão fundamental para alimentar o racismo. Fora isto, é preciso lembrar que a condição de escravos e pelo abandono depois abolição, eles foram marginalizados e criminalizados em suas lutas de sobrevivência.

Quanto aos povos indígenas a possibilidade de integração parece que não foi pensada. Os índios, pelas manifestações dos imigrantes, eram vistos na categoria dos obstáculos a serem vencidos da mesma maneira que a floresta e os animais selvagens, eles eram homens selvagens. Enquanto os índios viviam em harmonia com a floresta, para o imigrante ela lhe era hostil, precisava dar lugar para suas plantações.

Em ambos os casos o processo de integração plena está longe de ser satisfatório.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXII)

A INTEGRAÇÃO

A preocupação com a integração entre os diferentes grupos étnicos ou com todos os cidadãos no interior de um país está presente em todo mundo. Não há país que não esteja enfrentando graves problemas para assegurar possibilidades igualitárias para todos os cidadãos na participação dos avanços de desenvolvimento social e econômico.

O maior desafio das pessoas que migram para outros países, em todos os tempos, foi conseguir alcançar uma integração plena na nova pátria. Para os imigrantes italianos, chegados ao Rio Grande do Sul, parece que o desafio não foi difícil de superar. Em parte se deve ao fato de que sua decisão em buscar uma oportunidade de vida melhor foi definitiva. Eles tinham um projeto de interesse da nova Pátria. Poucos pensavam em voltar, tanto que a partida incluía um “Adeus! Até o paraíso”. Ainda que, não faltasse o sonho de uma nova Itália conforme escreveu A. Rossato aos seus familiares em 1884 comunicando que, além dos índios, homens selvagens, que fugiram, havia em Campo dos Bugres (Caxias) 1.400 habitantes italianos e tirolezes, que pensavam em formar uma nova Itália. Uma ideia que não prosperou. A maior preocupação de todos os imigrantes era garantir-se uma vida de bem-estar. As questões políticas passavam à margem de seu projeto de vida, além disso, sua fraca participação nos debates políticos na Itália, aliada ao alto índice de analfabetismo, não os credenciava a sonhar com um projeto de uma nova pátria independente.

Quando se fala em integração, seja em termos culturais, étnicos, religiosos ou de nacionalidade, duas ideias entram em jogo, de unidade e de diversidade. Em princípio, a integração parece privilegiar a unidade e excluir a diversidade. Entretanto, a unidade não exclui a diversidade. Sempre que há diversidade de culturas e de nacionalidades no interior do território de País torna-se indispensável promover a unidade sem precisar eliminar as diversidades. Aliás, hoje, se proclama, como sendo fundamental para a unidade, manter a diversidade na unidade como forma de riqueza social e cultural. Para isso invocam-se as diversidades existentes na natureza, especialmente, na área biológica, fauna e flora..

Pelos estudos, realizados junto aos primeiros imigrantes italianos e aos seus descendentes, parece que não houve graves traumas. Um fator positivo para essa integração tranquila pode ser atribuído ao fato de que a italianidade ainda não fora assumida pelos imigrantes. Aliás, isto já foi referido anteriormente. Na época da imigração, para a maioria dos imigrantes ser italiano não se constituía num nacionalismo patriótico, de orgulho nacional. Era mais uma distinção com outras nacionalidades. A Itália era uma nação jovem. O fator mais decisivo, certamente, deve ser creditado à catolicidade. O imigrante era mais católico do que italiano, embora as duas condições estivessem inseparáveis.

O importante na integração é que cada nacionalidade, cada etnia, cada cultura preserve sua identidade através da manutenção da herança de seus valores culturais, inclusive na preservação de sua língua, mesmo se tratando de um dialeto. Os italianos criaram o “talian” para ser um instrumento vivo de comunicação, não só de recordação.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXIII)

OS FRUTOS DA INTEGRAÇÃO

A integração de povos e culturas não é uma conquista definitiva, mas um processo contínuo visando aprimorar a harmonia entre todas as pessoas nas diversidades culturais. Para isso é suficiente observar como os vários grupos étnicos, vindos ao Rio Grande do Sul, foram se aproximando uns dos outros num processo de reconhecimento mútuo e de colaboração entre si, que começou com a chegada dos alemães em 1824 e a vinda dos italianos em 1875. Muito diferente da triste situação dos escravos africanos.

O movimento de integração poderia ter sido mais rápido se os imigrantes não fossem isolados uns dos outros em colônias alemãs e italianas, apenas para lembrar os dois grupos mais numerosos. Essa separação dificultou o intercâmbio. Não houve hostilidades, ao contrário, os alemães foram para os italianos um apoio em todos os sentidos.

Os frutos da integração foram aos poucos aparecendo, especialmente, nos movimentos em busca de novas terras. É fácil perceber essa ocupação de lotes vizinhos por etnias diferentes na região do Alto Uruguai. Neste sentido, a colônia Ijuí, fundada em 1890, é apontada como a ocupação inter-étnica exemplar. Celebrada, anualmente, pela FENADI.

Os estudos sobre a formação do povo gaúcho mostram as contribuições específicas de cada etnia, aqui serão apontadas algumas contribuições da imigração italiana, objeto desse trabalho. O espaço mais propício para a integração está na economia. Neste sentido, a primeira grande contribuição dos imigrantes italianos, sem dúvida nenhuma, aconteceu, e continua acontecendo, nas atividades agrícolas. O intenso cultivo de cereais, notadamente, o trigo e o milho, posteriormente o arroz e o feijão, garantiu a produção de alimentos para os próprios imigrantes e para o suprimento das populações urbanas em vias de crescimento. Junto com a agricultura, com igual importância, foi desenvolvida a criação de animais domésticos, especialmente o suíno não apenas pela carne, banha e pela fabricação de embutidos para a mesa familiar, mas com finalidade comercial. A vaca de leite mereceu igual atenção e com razão, basta lembrar esses versos: *Butiro no ghen tiro, formaio no ghin taio, puina pochetina, late fin ale culate, scoro fin al colo.* (Manteiga não me sirvo, queijo não corto, ricota fresca pouquinho, leite até as nádegas (onde encosta o balde) e soro até o pescoço). Agora tornados lembranças do passado.

Um espaço que acompanhava invariavelmente a casa era a horta. O jardim não era necessário. A horta sim. Esta era, a bem da verdade, a fonte de grande parte do que era levado à mesa. As verduras eram indispensáveis.

A marca característica primeira, reconhecida por todos, da contribuição econômica está no parreiral e no vinho. Falar em uva e vinho, no Rio Grande do Sul, dá no mesmo que falar na imigração italiana. A própria arquitetura da moradia, com seu porão, fala por si. A Festa da Uva acabou sendo o maior referencial que concentra todas as demais conquistas econômicas da presença italiana na economia gaúcha.

Esta base agrícola gerou os empreendedores do processo de industrialização.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXIV)

A INDUSTRIALIZAÇÃO

A segunda grande participação dos imigrantes italianos na economia do Estado está nos empreendimentos industriais superando, em termos financeiros, as atividades agrícolas responsáveis pelo surgimento das pequenas fábricas artesanais e familiares. Muitos aspectos poderiam ser sublinhados da história da industrialização nas Colônias italianas. A esse respeito já existem muitas publicações, por isso, nos limites deste trabalho, o objetivo é acentuar a estreita relação das atividades dos imigrantes, da agricultura à industrialização.

Já foi lembrado que a atividade agrícola, não era apenas a atividade, que a quase totalidade dos imigrantes dominavam, mas ela era também o único recurso disponível para satisfazer as suas necessidades de sobrevivência e de progresso. Este fato, felizmente, acabou por se constituir na raiz dos futuros empreendimentos industriais. A estrutura agrária, praticada com pouca tecnologia, quase primitiva, exigia que alguém viesse em seu socorro. Se fosse hoje, recorre-se a tecnologias de fora, mas naquela época só havia um caminho, recorrer à boa vontade e aos poucos conhecimentos de pessoas com espírito empreendedor. A demanda de instrumentos de trabalho e de utensílios domésticos estava à espera dos primeiros empresários e das primeiras industriais. Os títulos de empresários e de indústrias, certamente, não correspondem a aqueles ferreiros ou funileiros artesanais, e a aquelas ferrarias e funilarias com um instrumental rudimentar e com uma organização familiar, nos mesmos moldes da organização rural. Essas primeiras iniciativas de atender às necessidades das atividades agrícolas e domésticas eram, de fato, prestadoras de serviços.

O aspecto fantástico da história das ferrarias e das funilarias é que não desapareceram com o desenvolvimento tecnológico, ao contrário, elas se transformaram tornando-se berços de grandes indústrias modernas. Na verdade elas se constituíram em precursoras das instituições que, hoje, são designadas como incubadoras empresariais.

O exemplo mais festejado e sempre lembrado da transformação de funilaria para uma grande indústria empresarial é a Abramo Eberle. Sua história, junto com uma minuciosa análise de sua formação, está no livro *Pobres Construtores de Riqueza*, de Valentim Lazzarotto, publicado pela Universidade de Caxias do Sul. O autor descreve com detalhes os primeiros tempos de implantação da empresa até o seu pleno sucesso. Tudo começa em 1896 com a compra da funilaria de José Eberle pelo seu filho Abramo Eberle.

Resumir o que aconteceu em mais de oito décadas é impossível, dois fatos devem ser destacados pela sua importância na sobrevivência de qualquer empreendimento, O primeiro fato se dá pela transformação do sistema de produção que atendia à demandas individuais, em um sistema de produção em série para atender o comércio. A rede comercial passou a intermediação da empresa com os clientes. O segundo fato, decorrente desta mudança, é a passagem de uma administração familiar para uma organização empresarial que, segundo Lazzarotto, se dá em 1907, sendo assim fundada a primeira sociedade sob a razão social "Ourivesaria e Funilaria Central de Abramo Eberle & Cia.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXV)

OUTRAS INICIATIVAS INDUSTRIAIS

A referência à Empresa Abramo Éberle foi apenas um exemplo de como surgiram as indústrias naquela época. A Abramo Éberle, como foi dito, surgiu como resposta à demanda das necessidades dos imigrantes, na área do trabalho rural e na organização da vida familiar. Dezenas de outras empresas tiveram a mesma origem, nem todas alcançaram o mesmo sucesso. As razões podem ser muitas, mas esta é outra história.

No momento, o que merece atenção é outro tipo de iniciativas industriais, não mais para suprir necessidades, mas para aproveitar a produção dos agricultores. As primeiras exigiram a capacidade inventiva e a habilidade de produzir artefatos, as segundas dedicaram-se à transformação dos resultados do trabalho que não encontrava consumo in natura. Fica claro que ambas nasceram das atividades agrícolas.

Essas indústrias, surgidas num segundo tempo, tinham como tarefa a transformação da produção primária, na linguagem moderna, se diz que são as atividades que tem como objetivo agregar valores econômicos para um comércio mais rentável.

Não é preciso muito conhecimento de história dos imigrantes para ter certeza que os frigoríficos desempenharam um papel fundamental no aproveitamento dos excedentes da criação de suínos. Todas as famílias tinham o hábito de abater frequentemente porcos para ter carne e produzir banha e embutidos, mas, pela facilidade em criá-los, não demorou que havia excedentes em quantidade para se pensar em frigoríficos. Além disso, havia demanda de consumo nos, ainda insipientes, núcleos urbanos e estava se abrindo um mercado maior com a chegada do trem já no final do século XIX.

Os frigoríficos trouxeram vários benefícios. Primeiro deram sustentação aos núcleos urbanos em seus primeiros tempos, ocuparam a mão de obra excedente da agricultura e o mais importante pela compra dos suínos se tornaram uma ocasião de ganhos em termos financeiros. É certo que os suínos, junto com o trigo, foram as mercadorias que mais facilmente se transformaram em dinheiro vivo.

Outra possibilidade de industrialização aconteceu na vitivinicultura. Era difícil encontrar uma família sem parreiral. Com o parreiral veio o vinho, inicialmente, para o consumo familiar. Com o aumento da produção de uvas e a dificuldade de armazenar o vinho, havia uma saída pensar em empreendimentos industriais. Eles surgiram com as cooperativas e as cantinas. Hoje, as empresas vinícolas dominam tecnologias finas, seja na produção de uvas, seja na elaboração de destilados e vinhos de alta qualidade.

Por fim, não se pode esquecer, ainda que resumidamente, a importância dos moinhos coloniais, pela moagem de trigo e milho para o pão e a polenta, Ao lado dos moinhos apareceram os alambiques, para a destilação da graspa e da cachaça, e os carijós, na fabricação da erva-mate. Esses funcionavam apenas sazonalmente. É preciso lembrar que moinhos, alambiques e carijós foram construídos pelos próprios imigrantes.

Mais recentemente surgem com grandes perspectivas as indústrias de laticínios.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXVI)

EVENTOS FESTIVOS E CULTURAIS

Já foram lembrados alguns traços da vida social e cultural mostrando que não houve muita preocupação em criar organizações que desenvolvessem atividades sociais e culturais propriamente ditas. O pouco que acontecia resumia-se às festas religiosas e aos casamentos, onde o sagrado e o popular andavam junto. A fundação de clubes ou de sociedades culturais ainda não fazia parte das preocupações dos imigrantes. Os primeiros para promover a vida social ou eventos recreativos e esportivos. As segundas para incentivar atividades artísticas, como grupos de teatro, apresentações musicais e culturais. Acontecimentos tão frequentes na Itália, mas proibitivos para as condições econômicas dos pobres camponeses. E não porque não apreciassem as artes, especialmente a música e o canto. O que foi amplamente demonstrado pela criação de canções, pelas cantorias e pelas bandas.

Novamente os imigrantes italianos apelaram para sua imaginação criativa e buscaram inspiração nas atividades, das quais eram mestres, as atividades agrícolas. Ou, talvez, numa expressão mais correta seria dizer: os trabalhos da roça. Da mesma maneira que aconteceu com os empreendimentos industriais. Da sua vida cotidiana, como surgiram as empresas, assim também foram planejados os eventos festivos e culturais.

Não é preciso muita imaginação para concluir que se trata da Festa da Uva. A escolha da uva, provavelmente, não foi por ser o produto mais rentável, mas, certamente, por ser o referencial mais simbólico da etnia italiana. Além disso, o vinho, como já foi afirmado, era visto, mais do que uma bebida, um alimento, parte integrante no cardápio da mesa do imigrante, que podia estar presente nas três refeições e, até, na merenda.

Falar da Festa da Uva, um acontecimento popular consagrado, simbólica e economicamente, como o maior evento festivo e cultural da colônia italiana, é repetir o que todos conhecem. Entretanto pode ser interessante observar que a festa da uva, além da sua profunda vinculação com a cultura do imigrante italiano, ela, na sua organização, buscou inspiração nas festividades religiosas. A festa da uva, não se pode esquecer, não foi rotulada como uma feira, mas como uma festa. A festa é uma celebração, não um comércio. Assim as celebrações religiosas eram festas. Ambas foram abertas a toda comunidade. Ninguém era excluído. E, o mais significativo, todos se sentiam envolvidos, num caso pela fé, noutra caso, muitos pela produção da uva e do vinho, e quase todos pelo seu consumo.

A idéia de festa, e não de feira, continuou orientando a organização dos novos eventos. A fonte de inspiração, também, permaneceu a mesma, o trabalho da roça e a dependência da uva. Foi assim que surgiram a festa do vinho, a festa do champanhe e a festa de vindima. A idéia de festa continua, até hoje, inspirando as celebrações dos produtos coloniais, não só agrícolas, mas também de animais e aves. É verdade que os motivos festeiros, aos poucos, foram sendo acrescidos de motivos comerciais pela idéia de feira.

Por fim, um comentário comparativo. As festas, para os imigrantes, celebram os frutos do trabalho, enquanto em outras regiões elas têm caráter de diversão.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXVII)

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E ADMINISTRATIVA

O imigrante italiano, como a maioria da população italiana, tinha pouca participação nos debates políticos. Já foi dito que a unificação da Itália foi um projeto imposto pela força, e, também, que no Vêneto, as pessoas deviam, durante o dia, trabalhar seus campos e, à noite, ir à igreja rezar a Ave Maria. A política era a ocupação dos governantes.

Portanto não é de estranhar que, nos primeiros tempos, os imigrantes se mostrassem arredios aos problemas políticos. E, mais do que isso, queriam que os governos ficassem o mais longe possível e os deixassem trabalhar em paz.

Não demorou muito para constatar que, embora estivessem a milhares de km da Pátria, ela estava muito próxima. Houvera apenas a transferência de todos para outro espaço, mas a Itália estava em cada um, viera com eles. Surge assim o primeiro desafio político, lutar pela italianidade de uma nova Itália, ou engajar-se na inserção da construção da Pátria adotiva. A segunda opção prevaleceu. A primeira atitude, como havia proclamado ainda em viagem, o velho Mateus, seria construir um grande país pelo trabalho. Isto seria apenas o começo, uma cidadania plena se faz pela participação nas decisões políticas e no processo administrativo.

Depois de proclamada a República, a situação política ficou confusa. No Rio Grande do Sul, a situação ficou marcada pelos conflitos entre Chimangos e Maragatos. Para o imigrante a melhor atitude era manter-se equidistante dos dois grupos. Já na revolução de trinta que levou Getúlio à presidência, há uma ativa participação de descendentes de imigrantes, não só italianos, mas também de outras etnias. Vários nomes poderiam ser lembrados, tarefa que exige mais espaço e tempo.

Diante disto, pode ser suficiente a lembrança de um filho da primeira geração de ítalo-gaúchos, que figura em primeiro plano no cenário da política rio-grandense, mesmo que não haja unanimidade em torno de suas ideias. Trata-se de Alberto Pasqualini.

Alberto Pasqualini nasceu em Ivorá em 1901. Formado em Direito. Foi professor, político à frente de seu tempo, autor e defensor das doutrinas trabalhistas. Participou ativamente da revolução de 30 organizando um batalhão de infantaria e um pelotão de metralhadoras. Em 1944, assumiu a Secretaria de Interior e Justiça do Estado. Com o fim do Estado Novo em 1945, filiou-se ao PTB, recém criado. Em 1947 e em 1954 concorreu ao governo do Estado, mas foi derrotado nas duas tentativas pelos candidatos do PSD. Ele nunca gozou da simpatia da igreja pelas suas ideias trabalhistas inspiradas em princípios do socialismo. Uma palavra assustadora. Hoje, a sua principal obra, Diretrizes fundamentais do trabalhismo brasileiro, é reconhecida como a fonte primeira da doutrina trabalhista, frequentemente citada como precursora das questões sociais em nosso Estado.

De 1945 até o Golpe de 1964, a política gaúcha se resumia aos confrontos entre PTB, o partido do operariado urbano, e o PSD, o partido patronal urbano e rural. A maioria dos descendentes italianos, da área rural, preferia as posições mais conservadoras do PSD.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXVIII)

CONTRIBUIÇÕES CULINÁRIAS

Nem sempre se dá importância à cozinha como força de contribuição no processo de integração entre etnias e, no caso da cozinha do imigrante, na transformação do cardápio dos gaúchos. A mentalidade mais difundida da nobreza europeia era de que há uma separação, quase intransponível, entre a cozinha e a sala. A cozinha é o lugar dos servos, a sala é o espaço nobre.

O imigrante, num primeiro momento, fundiu a cozinha e a sala num só ambiente. O fogão era o centro, especialmente, nos tempos frios, recuperando seu significado original de lareira, o lar. Entretanto seu cardápio, comandado pela polenta, sentia-se sem coragem de sair dos limites da mesa doméstica. Ter um cardápio que oferece a polenta como prato principal não garantia nenhum prestígio para o imigrante, aliás, era um motivo de chacota. Não era novidade ouvir expressões como, gringo polenteiro, ou alemão batata, para os alemães. Mas o futuro iria mudar em breve. A história já mostrara que comidas populares, aproveitando as sobras das mesas do patrão, acabaram por tornar-se pratos característicos de uma cultura. Assim foi com a feijoada, a parrijada ou o churrasco,

Portanto, num segundo momento, a arte culinária do imigrante passa a se expandir e entrar em cardápios de restaurantes e churrascerias, antes, porém chegou com a invenção do galeto de “primo canto” dando origem às galeterias, as herdeiras das tradicionais passarinhadas, e arrastando consigo a indispensável polenta, embora não aquela cortada com o fio, mas recebendo o tratamento da fritura ou em fatias com cobertura de queijo.

Na realidade, não se pode esconder que a cozinha do imigrante italiano, na penúria da Itália, era muito limitada. Os recursos disponíveis consistiam de verduras, tubérculos e derivados de cereais, milho e trigo. Uma grave ausência de proteínas animais. Esta situação fez com que a alimentação, já nos primeiros tempos, melhorasse com a elaboração de produtos lácteos, especialmente, queijo, e a produção de variados embutidos de origem suína. Nos dois casos, as técnicas, ainda que rudimentares, foram passadas, como era costume, de pai para filho. Da medida que o acesso fácil aos ingredientes, os tradicionais pratos, com base nas massas, e as sopas tornaram-se frequentes na mesa de todos e, mais do isto, levaram à abertura de restaurantes específicos.

Desta maneira o cardápio dos imigrantes melhorou substancialmente, passando a oferecer seus produtos, alguns originais, exemplo o “codeguim”, os “agnolini”, os “torteli” entre outros, para a mesa de toda população gaúcha.

Falta ainda falar da adesão total ao churrasco. Uma presença indispensável em qualquer festa. Entretanto é preciso observar que não foi uma adoção pura e simples, porque passou pelas mãos transformadoras do imigrante. Houve uma aproximação entre a churrasqueira e a cozinha. O churrasco e a farinha de mandioca receberam a companhia de sopas, das indispensáveis verduras e saladas, das massas e da irreverente polenta. Tal adoção transformada pode ser apontada como o símbolo da fusão da culinária ítalo-gaúcha.

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXIX)

VESTUÁRIO, LINGUA E ARQUITETURA

Os poucos estudos que tratam do vestuário dos imigrantes, em nenhum momento lembram alguma influência sobre o modo de vestir regional. Ao contrário, parece que foram objeto de esquecimento. O dado histórico importante descrito é que eles trouxeram as vestimentas que usavam na Itália, em parte favorecidas pela semelhança de clima. Um aspecto a destacar que eles confeccionavam seus tecidos pela tecelagem artesanal, em lã e em linho, e cada família costurava suas obras. Tarefas das mulheres. Um costume típico dos imigrantes era a distinção clara entre o vestuário domingueiro, usado para ir à igreja e nas maiores comemorações, e o vestuário do dia-a-dia. Este sofria constantes reformas através de remendos, a perder de vista o tecido original. Hoje é o mais festejado, não como moda, mas como símbolo glorioso de um tempo de trabalho, economia e privações.

A língua é um fator fundamental de identidade cultural. Um aspecto, já lembrado anteriormente, que precisa ser completado. Um ponto sempre referido, a maioria não falava o italiano oficial, mas os dialetos regionais, o que deu origem a uma língua comum, identificada pelos linguistas com o nome de *coiné*, e reconhecida como *Talian*, já com gramática, dicionário, alfabeto e grafia. A sobrevivência de uma língua tem só um caminho, ser falada por uma população. O *talian* serviu como língua de comunicação entre os imigrantes. Hoje o número de falantes diminuiu consideravelmente.

O *talian* recebeu uma força positiva com a figura de Nanetto Pipetta. Ele foi um personagem do cotidiano dos imigrantes. Tinha os mesmos sentimentos, alimentava os mesmos sonhos, enfrentava as mesmas dificuldades. Ele era, de fato, um imigrante. Recentemente ressuscitado, inicialmente voltou para ser um Nanetto atual, entretanto, nem sempre consegue viver no presente. Ele acabou sendo levado a um passado, reproduzindo situações que não correspondem à atualidade e que, para muitos mais jovens, nada significam. Tudo indica que o significado antropológico do Nanetto foi esquecido.

Uma língua precisa atualizar-se. Não pode ser uma volta ao passado. Uma mera lembrança. Ela sobrevive na medida em que se mantém como força expressiva na comunicação entre as pessoas. Assim, o Nanetto, personagem falante do passado, pede para falar o *talian* do presente. Ele reclama ser o personagem falante dos descendentes atuais.

A arquitetura do imigrante não tem a mesma envergadura do enxaimel alemão, mas tem uma identidade expressiva fantástica. Nela é possível identificar quais as peças da casa que eram mais importantes. Há vários levantamentos de como eram construídas as casas. Atualmente esta arquitetura é apenas preservada como patrimônio cultural. Independente destes estudos e do ponto de vista patrimonial, ela tem uma simbologia reconhecida por Bachelard, um pensador francês. Já no fim da vida, numa entrevista, logo no início, disse ao entrevistador: "se vê que você mora num apartamento e não numa casa". E emendou: "a diferença é que na casa, além da área de habitação, tem um porão e um sótão, e o que há de particular, é que sempre subimos ao sótão e descemos ao porão. O porão é o lugar do nosso passado e o sótão é o horizonte de nossos sonhos".

CAMINHOS DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL (CXXX)

A CHEGADA DO MOVIMENTO SINDICAL

O processo da industrialização foi responsável por uma série de mudanças. Em primeiro lugar, oportunizou a que novos personagens controlassem o poder econômico e político. Em segundo lugar, provocou uma profunda transformação nas relações sociais e na distribuição demográfica. No primeiro caso, com o surgimento da classe operária, surgem as questões sociais e de trabalho. No segundo caso começam a concentração da população em torno das indústrias formando os núcleos urbanos e a consequente migração da população rural. A urbanização não é apenas o deslocamento das populações do campo para a cidade, mas nova forma de relações familiares, sociais, econômicas e políticas.

Estes aspectos da industrialização foram trazidos apenas para lembrar que os movimentos sindicais, no mundo inteiro, surgem neste processo. O movimento sindical é a organização da classe operária em defesa de seus direitos e interesses. Não se trata, aqui, de apresentar a questão da sindicalização como movimento universal, mas, simplesmente, identificar como o movimento sindical surge nas Colônias italianas. Para entender como e quando esse fato acontece é preciso voltar às origens. E estas estão na Itália.

A cidade de Schio, da Província de Vicenza, já durante o período da grande emigração, era um centro da indústria têxtil. O seu operariado fora formado por camponeses que, em lugar de emigrar, optaram por um emprego. Naquela época as leis trabalhistas, praticamente, não existiam ou não funcionavam. As informações que seguem estão baseadas na pesquisa do Prof. Antônio Folquito Verona da UNESP.

Em 17 de fevereiro de 1891, a pequena cidade de Schio com seus 15 mil habitantes, amanheceu às avessas. O soar das sirenes, em lugar de anunciar o começo do trabalho nas fábricas, convocava para um evento totalmente inusitado. Eclodia a primeira grande greve dos operários das tecelagens, tendo à frente a maior delas, o Lanifício Rossi. A questão era o rebaixamento do preço das horas trabalhadas. Depois de cinco dias de intensa mobilização, os principais líderes resolver pedir a autodemissão. Os simpatizantes foram, depois, demitidos como desordeiros. A data é lembrada para sempre junto com a alcunha de "cité rossa", cidade vermelha, isto é, comunista e anarquista.

São esses acontecimentos que interessam agora, porque fizeram com que 300 famílias de Schio viessem para o Brasil. Em maior número se fixaram em São Paulo. Alguns, pelos conhecimentos especializados em tecelagem entraram nas indústrias têxteis paulistas. A maioria, entretanto, acompanhou os demais imigrantes italianos indo para as fazendas de café substituir o trabalho escravo.

O segundo grupo, menos numeroso, escolheu o Rio Grande do Sul, fixando-se no lugarejo conhecido como "El Profondo", hoje, Calópolis. Onde um grupo fundou a Cooperativa de Tecidos de lã, posteriormente, transformada no Lanifício São Pedro que, segundo o Prof. Verona, "seria o ponto de partida para que Caxias do sul, mais tarde, se tornasse o pólo industrial dos dias atuais". Na bagagem teriam vindo as idéias sindicalistas.